

## XIV SALÃO DE EXTENSÃO

GTFH – Grupo Trabalho e Formação Humana

Coordenadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Souza Fonseca

Expositor@s: Acadêmic@s Carlos Alberto Andrade e Janaína Barbosa da Silva

Participantes: Acadêmic@s Karen Moraes dos Santos, Mateus Ballardin e Matheus dos Santos Araújo.

AÇÕES:

“O PETI e os direitos do infantojuvenil nas escolas da Grande Cruzeiro”

“O PETI e os direitos do infantojuvenil no SASE da Grande Cruzeiro”

“A exploração do trabalho e os direitos do infantojuvenil na Rede/Redinha da Grande Cruzeiro”

### TERTULIA:

#### “TRABALHO E OS DIREITOS DO INFANTOJUVENIL”

---

##### Justificativa

Em 2013, completamos 15 anos de *Extensão na Grande Cruzeiro*, problematizando a *questão social* e potencializando *reduções de danos*.

No *Grupo Trabalho e Formação Humana*, colaboramos com o estudo sobre *trabalho e direitos do infantojuvenil*, por concepções e práticas naquela geopolítica. Mediados pelo *ECA*, recolhemos indícios de violações de direitos, entre as crianças e os adolescentes. Articulamos elementos referentes ao objeto a partir da pesquisa e da extensão – nestas duas faces da produção acadêmica temos uma temática, analisada com base em método, metodologias e referencial teórico. O que nos permite, a partir de categorias estruturantes e emergências do campo, produzir sínteses e avançar no conhecimento produzido.

Depois de observar a realidade, a *Extensão funda-se na sistematicidade da intervenção dialógico-dialética*, diferenciando-se da pesquisa. Assim, reivindicamos a *indissociabilidade* na produção do conhecimento, apresentando, também, a outra face da produção acadêmica, o ensino. Em Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) na Licenciatura em Pedagogia, cujo objeto se constitui por recortes de temas emergentes de nossas Ações Extensionistas. Além de dissertações no PPGEDU que aprofundam a temática – trabalho e direitos do infantojuvenil.

A Extensão como *prática social* conecta sociedade e universidade, promove trocas de conhecimento, como uma relação de mão dupla que se materializa na sistematicidade do *diálogo extensionista*. Perspectiva pela qual, consideramos a necessidade de vínculo com a pesquisa e o ensino. Assim, perscrutando a indissociabilidade, nossas ações de *extensão/pesquisa/ensino* objetivam analisar/intervir nas múltiplas determinações que constituem o fenômeno social *trabalho e direitos do infantojuvenil* naquela comunidade. Além da devolução formal, participamos de espaços que nos permitem ir devolvendo e questionando, sistematicamente, os dados encontrados. Não somente a *Universidade* ir coletar dados, também construir uma contrapartida, para que se efetive uma troca com a *Comunidade*. Procuramos produzir um *conhecimento socialmente útil*, referenciado nas mazelas sociais que precarizam a vida da classe trabalhadora.

A *articulação da pesquisa e da extensão com o ensino é indispensável*. Como rotina na orientação, utilizamos os conhecimentos específicos de cada área para montar e avaliar as oficinas, e pensar a pesquisa. Neste sentido é importante que o grupo conte com integrantes de mais de uma licenciatura, cada um trazendo um pouco da especificidade de sua área para compor o objeto. A *Ação Extensionista*, como

intervenção em campo, e a pesquisa adensam a reflexão coletiva, extensão/pesquisa em torno da questão social estudada – trazem-nos vivências e conhecimentos que ampliam o aprendido em sala de aula, potencializando o ensino.

#### As Oficinas que fazemos.

As **Ações Extensionistas** realizam-se na forma de oficinas em três espaços: duas escolas e um SASE (Serviço de Apoio Socioeducativo), articuladas com nossa participação na Rede de Proteção (vinculada à Microrregião 5 do Conselho Tutelar) e a Redinha (Cruzeiro). As turmas variam a idade entre oito a dezoito anos e somam 100 estudantes. Propomos atividades de escrita, rodas de conversa, leituras, danças, jogos, teatro e outros elementos da cultura corporal, também usamos vídeos e músicas. Possibilitando às crianças e aos adolescentes participantes, e @s acadêmic@s oficineir@s, uma troca de saberes acerca do mundo do trabalho e dos direitos do infantojuvenil, particularmente naquela região da cidade. Apresentamos o ECA, pois, legalmente, são sujeitos que possuem direitos; no entanto, a realidade complexa e contraditória na qual vivem, submete-os a permanentes violações de direitos. Repetem-se distintas formas de trabalho infantojuvenil explorado: sexual e comercialmente, catação, tráfico de drogas, produção e venda de artesanato, trabalho doméstico, etc. Também há casos em que esses sujeitos apanham dos familiares, sofreram (ou sofrem constantemente) abuso sexual – algumas dessas crianças e adolescentes foram retiradas de suas famílias e moram em abrigos.

Saudamos o ECA como um salto de qualidade, uma regulação para proteger a vida dos sujeitos de direitos; entretanto, vemos esta qualidade esvair-se na execução das políticas sociais. Situação agravada porque vivemos um tempo em que o capital valoriza-se, também, espoliando direitos, caracterizando a desposseção.

### **Descrição da ação para apresentação**

#### *Objetivo Geral*

Problematizar a relação “trabalho e direitos do infantojuvenil” a partir das experiências realizadas nas Ações Extensionistas com escolas da rede pública e SASE, buscando regularidades e diferenças nas concepções e práticas de grupos presentes.

#### *Objetivos Específicos:*

- Mapear concepções de infância/adolescência;
- Questionar as concepções de “trabalho” e “direitos para o infantojuvenil”;
- Problematizar as políticas sociais destinadas a crianças e adolescentes a partir do que está previsto no ECA.

#### *Metodologia*

Inicialmente, exporemos produções de crianças e adolescentes recolhidas em nossas oficinas e, a partir desse material, provocaremos o debate para mapearmos concepções e práticas ligadas à infância e à adolescência, ao trabalho e aos direitos do infantojuvenil. Sistematizaremos as ideias do público para problematizarmos as políticas sociais pertinentes ao grupo socioetário retomando a relação “trabalho e direitos do infantojuvenil”, na percepção/vivência do coletivo presente à Tertúlia.

#### *Processos avaliativos possíveis*

Consideraremos positiva a Tertúlia na medida em que formos tensionad@s na Ação que fazemos e produzimos, naquele coletivo, uma síntese que permita avançar nas concepções e práticas de nossa referência.